

Feto do verbo, feto dos nomes

Grupo de Trabalho "A Terceira" - *Lalíngua*

Ana Virgínia Rizzi
Inajara Erthal
Manuela Lanius
María Rizzi
Simone Brenner
Soraya Maihub Manara
Tahiana Brittes

Depois que iniciei minha ascensão para a infância,
Foi que vi como o adulto é sensato!
Pois como não tomar banho nu no rio entre pássaros?
Como não furar lona de circo para ver os palhaços?
Como não ascender ainda mais até na ausência da voz?
(Ausência da voz é infantia, com t, em latim.)
Pois como não ascender até a ausência da voz -
Lá onde a gente pode ver o próprio feto do verbo -
ainda sem movimento.
Aonde a gente pode enxergar o feto dos nomes -
ainda sem penugens.
Por que não voltar a apalpar as primeiras formas
da pedra. A escutar
Os primeiros pios dos pássaros. A ver
As primeiras cores do amanhecer.
Como não voltar para onde a intenção está virgem?
Por que não ascender de volta para o tartamudo!
(Manoel de Barros, *Ascensão* - 1916)

Temos nos debruçado sobre o texto *A Terceira* de Lacan em nosso Grupo de Trabalho em *Convergencia*. Com a aproximação do VIII Congresso Internacional de *Convergencia*, Movimento Lacaniano para a Psicanálise Freudiana, temos a oportunidade de lançar a proposta de articulação acerca de *lalangue*, *lalíngua*, tema que sempre produz muito trabalho para reflexões e elaborações.

Partimos de algumas questões que estão enlaçadas com perguntas que nos surgem a partir da clínica. O que podemos pensar acerca da ética da psicanálise nas análises

quando o paciente é uma criança, levando em consideração os tempos do infantil e suas incidências clínicas? O que se mantém dos pressupostos fundamentais freudianos e lacanianos ao trabalhá-los? O que, nessa particularidade clínica, podemos diferenciar, inovar, manter ou reafirmar? Haveria aí alguma especificidade que tornasse essa modalidade de trabalho uma outra modalidade de escuta?

Quando Freud se ocupa dos textos situados como os Fundamentos da Psicanálise, refere um impasse. Precisa transmitir algo de sua experiência clínica, porém, teme que isso se converta em regras ou normas fixas - o que para ele seria um grande perigo para a Psicanálise, e para o qual devemos estar advertidos. Decanta-se, então, que todo cuidado, rigor e fidelidade para com a técnica, independe do paciente ou mesmo da época.

Qual seria a regra que se conserva como talvez aquela que torne possível um trabalho analítico? Freud insiste na Regra Fundamental: a associação livre e a escuta flutuante:

A sua narrativa deve diferenciar-se em um ponto de uma conversa comum. Enquanto normalmente e com razão procuraria achar o fio da meada no contexto geral da sua narrativa, rechaçando todas as ocorrências e pensamentos adjacentes para não se perder em digressões, proceda de outro modo aqui. Você observará que lhe ocorrerão vários pensamentos que você quer rechaçar com certas restrições críticas. Você ficará tentado a dizer a si próprio: isto ou aquilo não vem ao caso, ou é absolutamente sem importância, ou não faz sentido e por isso não precisa ser dito. Nunca ceda a essa crítica, diga-o mesmo assim, justamente porque você sente uma rejeição diante disso. A razão dessa prescrição - na verdade a única que você deverá seguir - você conhecerá mais tarde e aprenderá a entendê-la. Portanto, diga tudo o que lhe passa pela mente. Comporte-se, por exemplo, como um viajante sentado à janela do trem que descreve para quem está dela mais afastado, do lado de dentro, como a paisagem vai mudando diante dos seus olhos. E, por fim, nunca se esqueça de que você prometeu sinceridade plena, e nunca passe por cima de algum fato só porque por algum motivo essa informação lhe é desagradável. (FREUD, [1913] 2019; p.136)

Eis a regra que rege o trabalho da psicanálise. Tão simples e tão complexa. É dessa regra que Freud aponta a possibilidade que temos de acessar aquilo do qual nos ocupamos numa análise: o inconsciente.

No percurso de uma análise, trata-se de o sujeito poder falar tudo o que lhe vier, fazendo uso desse recurso fundamental que é a associação livre em transferência. Só assim, para Freud, o inconsciente poderá nos surpreender, dando notícias da sua existência, força, obscuridade, mistério.

Mostras do inconsciente não se dão nas profundezas, como primeiramente se supunha, mas na vida cotidiana, nos sonhos, nos atos falhos, nos lapsos, na vergonha, nos chistes, no brincar, na arte, enfim, nos nossos sintomas. Sintomas que nos fazem sofrer, que nos colocam em causa, mas que também nos constituem. São os sintomas de cada um, necessariamente individuais e muitíssimo singulares.

Nossos sintomas são nossas formas singulares de lidar com nosso inconsciente. Não sabemos sobre a origem do inconsciente, todavia habita em nós e nos faz não só decifrá-lo, como também lidar com ele, muito antes de nos darmos conta sobre ele. Sabemos sobre o inconsciente porque temos sintomas, porque sonhamos, porque claudicamos, porque falamos/não falamos, aprendemos/não aprendemos, somos muito ativos/não saímos do lugar, enfim, os temos.

A linguagem, para Lacan, na sua ordenação nos quatro discursos, é uma estrutura que permite que algo se comunique no laço social, na medida em que não há possibilidade de fala sem que se esteja banhado pelo sentido e sem que desfilem os semblantes sob o apito do fantasma – realidade única de cada *falasser*. No texto que nos reúne, *A Terceira*, Lacan aponta com todas as letras: "estamos todos submetidos ao princípio da realidade, isto é, ao fantasma" (p. 58). Todavia, *lalíngua* não está submetida a uma organização que sirva para um diálogo entre dois falantes, pois é uma matéria sonora que corre paralela à estrutura. *Lalíngua* vocaliza a mínima unidade sonora: o fonema.

Quem sabe poderíamos perguntar a Lacan se acaso não trabalhamos, inclusive, com elementos mais mínimos que essa unidade definida como fonema?

Advertidas de que os efeitos da linguagem atravessam os falantes, independente dos lugares que ocupam, sejam sujeitos em análise ou sujeitos que se lançam ao lugar de analistas, ocupamo-nos do debate atento à ética que nos possibilita a escuta: “nenhum psicanalista avança além do quanto permitem seus próprios complexos e resistências internas” (FREUD, [1910] 1996, p. 130).

A transferência funda o possível de se escutar daquilo que *lalíngua* traz consigo, o real da voz e, por outra via, daquilo que não está podendo ser vocalizado, que aparece num corpo em movimento ou em tensão, num suspiro, num tremor, lalações, balbucios, o *ronrom*¹, ruídos, fluídos corporais, elementos mais mínimos que um fonema.

O analista faz furo, fratura o discurso, dá lugar ao que não tem forma.

Trabalhamos com a hipótese lacaniana de que *lalíngua* seria o aluvião da linguagem recebida pelo sujeito através da matéria sonora e que repercute numa escrita própria, marcando com profundidade caminhos singulares para a passagem dos significantes que irão uns aos outros se encadeando e que ressoam nas variadas formações do inconsciente e demais formações psicopatológicas, como por exemplo, as formações psicossomáticas. O que é incorporado ao simbólico, do corpo, fará suporte ao sujeito como rede de significantes e retornará como representante deste em suas manifestações. São essas marcas que compilarão a memória histórica de cada um.

Restam, também, indícios da incidência do olhar, cuja captura é quase inevitável, visto seu poder de empuxo. Conforme Lacan ([1972-1973] 1985), a *lalíngua* seria o que primordialmente afeta o ser falante nas suas mais arcaicas percepções, pois transmite consigo os afetos, numa dimensão inacessível à fala enunciativa. Desde *A Terceira*, Lacan acrescenta:

Lalíngua não é para ser dita viva porque está em uso. É antes mesmo a morte do signo que ela veicula. Não é porque o inconsciente é estruturado como uma linguagem que *lalíngua* não tenha que jogar contra seu gozar, já que ela se fez desse próprio gozar. (LACAN, [1974] 2002, p. 53).

¹ Lacan, [1974] 2002, p. 54.

Operando com a fala, a psicanálise não se faz sem o sujeito encarnado, ocupa-se do corpo marcado pelos efeitos da linguagem, mais ainda, ocupa-se do saber naquilo que se perpetua, como na *técnica da regressão infinita (mise en abyme)* algo do significante que não encontra vias de inscrição e que se deflagra na imago corporal. Corpo que ora se liga à gramática significante, ora cede aos avanços do gozo, que deixa nele suas cicatrizes.

Brincamos poeticamente com essa “ascensão” ao inconsciente, propondo o “acesso” ao feto do verbo, ao feto dos nomes, com Manoel de Barros. E também com a música Timoneiro como canta Paulinho da Viola, “quando alguém me pergunta como se faz para nadar, explico que eu não navego, quem me navega é o mar”.

Freud repete muitas vezes suas recomendações do quanto existem cuidados, precauções e preocupações que podem impedir um trabalho analítico. Eis que, nas análises de crianças, com muita frequência nos deparamos com situações que talvez precisaríamos retomar as ressalvas que Freud e Lacan nos fazem ao longo de suas obras. Ressalvas que podem nos distanciar da regra fundamental.

A cada instante temos de saber qual deve ser nossa relação efetiva com o desejo de fazer o bem, o desejo de curar. Temos de contar com ele como algo suscetível de desencaminhar-nos, e, em muitos casos, instantaneamente. Diria mais - poder-se-ia de maneira paradoxal, ou até mesmo decisiva, designar nosso desejo como um não-desejo de curar. Essa expressão não tem outro sentido senão o de alertar contra as vias vulgares do bem, tal como elas se oferecem a nós tão facilmente em seu pendor, contra a falcatrua benéfica do querer-o-bem-do-sujeito. (LACAN, [1959-1960], p. 267).

Acompanham uma criança que chega, demandas que se aproximam desse querer fazer o bem, de curar, de cuidar do seu desenvolvimento, de seu futuro. Usualmente, são pedidos de ajuda que não se inicia do próprio paciente. A criança normalmente é trazida por alguém que é porta voz de uma preocupação - *pré-ocupação* - seja de familiares, da escola, dos médicos ou demais profissionais que a acompanha. Pedidos de diagnóstico, cuidados com seu desenvolvimento e com seu futuro, de prognóstico, de melhora, que as coisas

fiquem bem, que o sofrimento diminua e que os sintomas sejam curados. Essa é por excelência a chegada de um paciente a um médico ou a aqueles profissionais que estão no lugar de cura, de produzir melhoras para os pacientes, de talvez garantir um futuro de bem-estar, saúde e felicidade. Essas são promessas que, no campo da psicanálise, não temos como cumprir, sequer prometer sem que isso nos coloque numa outra ética, que não é a da Psicanálise.

No início, Freud, médico neurologista, recebe em seu consultório pacientes lhe pedindo para curar seus sintomas. Eis que Freud se depara com um impasse, descobre que diante daqueles sintomas, daquele sofrimento, seu saber médico não *opera*, pelo contrário, corria o risco de piorar a situação. Freud então supõe um saber que não sabia ao certo quem sabia. Saber esse que não compreende um bem querer, um bem-estar, a felicidade, o bom comportamento, um bom desenvolvimento.

Como diz Maud Mannoni: Um saber que não se sabe - A experiência analítica.

Eis o início da psicanálise, talvez, de uma análise.

Nos acompanha uma pergunta: essa questão poderíamos considerar que acompanharia qualquer análise? Também a análise de uma criança?

No caso de uma criança é comum que esse impasse freudiano não se dê e sim ocorra a inversão do que seria o início de uma análise.

Primeiro se supõe que a demanda que chega talvez não fosse dela, pois usualmente se diz que uma criança não apresenta sua própria demanda de análise. Seria mesmo? Se for, poderíamos nos ocupar de uma análise quando o sujeito em questão não nos endereça um pedido de escuta do seu sofrimento? Poderíamos nos ocupar de um trabalho analítico a pedido de terceiros?

Antecipar um diagnóstico nas primeiras entrevistas põe em risco o estabelecimento da transferência para que, a partir dela, seja possível seguir a escuta daquele que porta o sofrimento que possibilitaria uma demanda de análise. A preocupação com o diagnóstico e consequentemente sua cura justificaria a busca por alguém que tenha muita experiência

com essa doença/sintomas, isto é, um especialista, o que colocaria em causa a ética da psicanálise, ou seja, o trabalho com o inconsciente.

Os efeitos da escuta podem possibilitar um fazer outro com aquilo que atravessa o sujeito. Propomos pensar que estes atravessam em transferência tanto o analista como o analisante e que do ato do analista pode advir o sujeito e sua invenção. Estes efeitos se distinguem por excelência do encontro do sentido. O analista, a partir do corte da sua escuta, possibilita o espaço onde o sujeito pode produzir ficção em transferência. No seminário *Mais, ainda*, Lacan diz “a linguagem é apenas aquilo que o discurso científico elabora para dar conta do que chamo de *lalíngua*” (p. 188). Ele está abordando a relação com o saber e que a linguagem é uma elucubração de saber sobre *lalíngua*, enquanto o inconsciente é um saber-fazer sobre *lalíngua*, se liga ao real, o gozo, o corpo. Neste caso, “a interpretação deve sempre – para o analista – ter em conta isso que, no que é dito, há o sonoro, e que este sonoro deve ressoar com o que é do inconsciente” (Lacan, [1975b] 1995, p. 45).

A relação com *lalíngua*, traz consigo o que é relativo ao impossível da incidência primária do tesouro dos significantes, vinculado a afetos ainda enigmáticos pela opacidade radical do saber e que, de todo modo, não está fora da linguagem. É o lugar do qual a criança a recebe, pois ela não aprende *lalíngua*, mas a apreende. Trata-se de uma escrita.

Trazemos o caso de Daniel. Ele inicia sua análise aos cinco anos. Um menino errante, que deambula, grita demasiadamente e articula apenas alguns sons guturais. A única coisa que parece chamar minimamente a sua atenção e detê-lo são as letras: traz folhas de revistas, passa um tempo folheando os livros que encontra no consultório. Os computadores lhe chamam a atenção, escrevendo na tela sempre o mesmo signo – letra, símbolo, o que for –, pressionando a mesma tecla sem solução de continuidade. Numa de suas últimas sessões, Daniel entra e se atira no chão, permanecendo ali, com um brinquedo em sua mão, que faz tocar enquanto cantarola diferentes fonemas. Surge na sessão “keko”, nome que se torna o nome do brinquedo. A analista escreve esse nome no quadro negro e ao mesmo tempo fala sua escrita. Daniel se acomoda, fica parado – pela primeira vez

desde o começo de sua análise –, o que o leva para o quadro, o faz pegar um giz e desenhar ali.

Logo após essa sessão, Daniel chega e, ao entrar no consultório, bebe o restante da água de um copo que encontra. Vai até a porta e, quando é impedido de sair por sua analista, passa a gritar e, com o copo na mão, pronuncia uma difícil, contudo clara, “água”. ÁGUA que **toca** sua analista que o deixa sair, ir até a cozinha, encher seu copo com água e beber de um só gole.

Daniel nos dá uma pista de que, o que levanta um corpo do chão e lhe dá movimento, compreende a transferência, o que torna possível armar pulsão. Quando dissemos armar pulsão estamos supondo que há algo que já está presente anteriormente. Trabalhamos com a ideia de que isto que talvez esteja incrustado vai tentando mostrar-se, tecer-se em busca de uma representação, uma forma de "pescar", agarrar os pequenos pontos de real que buscam uma representação ligada ao som. Como foi dito por Lacan em *A Terceira* (p. 51), o analista sustenta um discurso que é capaz de soldar o par analista e analisante, sendo que para isto o analista depende do real, do semblante.

A forma como a criança se movimenta, gesticula e lança sons guturais, nos diz Musolino, em *Pulsión de sexo*, (2020; p. 47), “(...) trata-se de como uma linguagem determinada pela inserção do sujeito na cadeia significante durante sua saída da necessária alienação ao Outro, que o “converte” em ser de saber e ser sexuado: sujeito de uma linguagem”.

A forma como está o Nome-do-Pai na mãe nos diz de como esta pode vir a se relacionar com a significação fálica. Desta operação, o filho virá a ocupar um lugar. O alojamento deste lugar quando não há alteridade na mãe para poder ceder o filho ao outro, pode causar uma disruptura. Neste jogo, de alienação e separação, talvez se encontre algo das dificuldades não só da saída necessária da alienação, como também dos entraves ao qual a mãe o aliena.

Escrevendo o mesmo signo: letra, símbolo ou tecla, procura o assentimento do Outro e, a analista, lhe devolve como um signo no quadro, como uma interrupção no

teclado, alternando uma escrita. Lê a letra: “é um breve intercâmbio de olhares fora do espelho, do que surge o *Einzigster Zug* freudiano, o traço que resulta desse encontro de olhares.” (KAROTHY, 2019, p. 222). O surgimento do traço unário dá lugar a identificação, a identificação ao traço para além do espelho.

Junto à sua analista, vai se “bordando” os traços, ou seja, vai intercalando espaços entre os caracteres do computador, das revistas, das suas folhas, suas bábas que ele deixa em algumas superfícies dando início a uma leitura sonora das letras que puderam fisgá-lo.

O trabalho analítico vai tecendo-se, esculpindo-se, compondo-se ao modo de um ritornelo, e assim Daniel passa a se dirigir a sua analista buscando sua mão e a usando como um prolongamento da sua, para que escreva; e, após, é ele quem começa a escrever apenas traços ou, por si mesmo, letras; alternando uma escrita “direta” com outra “em espelho”. No andamento destes atos, Daniel começa a cantarolar, e, em seguida, a articular uma pluralidade de fonemas, jogando com os movimentos da boca – que se retorce, se estica e ri.

Surge para este paciente a pulsão invocante cuja borda foi capaz de fazer seu corpo levantar e demandar. Possível efeito de interpretação que é, *a priori*, incalculável. A pulsão invocante recebe aqui sua importância e sua borda demanda ser considerada e recortada em dois orifícios: voz e escuta; boca e ouvido, agora erógenos. É a partir deste ponto que se pode reconhecer as dimensões emissivas e auditivas da voz com a peculiaridade de seu som, singular e subjetiva de cada *falasser*, o que remete ao entrelaçamento dos registros imaginário e simbólico. Ainda, oportuniza que o emissor possa ouvir-se falar e também, ouvir-se sendo escutado.

Nos surge uma questão: o buraco arma o turbilhão ou o turbilhão no seu movimento, faz buraco? Como aponta Lacan (1973-1974, p. 47), “não é impensável que o corpo enquanto que o acreditamos vivo, seja algo muito mais difícil do que aquilo que sabem os anatomo-fisiologistas. Há, talvez, uma ciência do gozo, se podemos exprimir assim”.

Alguns analisantes nos ajudam a ler algo desses turbilhões, desses buracos. Um deles, Armando, um menino de 1 ano e 11 meses que, no ápice de sua solidão diante de

muitas pessoas ao seu redor, começa a rodopiar. Rodopia, sempre a tardinha, depois de toda família estar em casa, entre a TV e o pai. Momento no qual o pai olhava seu programa favorito na televisão.

Seu rodopio enlouquece o pai, o deixa muito bravo, e este o xinga fortemente. Grita dizendo para que ele parasse logo com isso, pois isso era sinal de autismo. Nesses momentos se repetia uma “resposta” da criança: ela caía ao chão aos prantos desabando e apagava, não adormecia, apenas apagava.

Toda essa repetição de cena fez a babá que cuidava dele se fazer uma pergunta e, logo, uma conclusão: “o que será que ele quer? Acho que ele quer chamar a atenção!”

Sua babá traz essa questão para juntas pensarmos na sessão de Armando; e ele, escutando a babá contar a cena à analista, reinicia o rodopio, turbilhonesco, que o fazia cair, desabar, mas também o fazia se movimentar, rodopiando para “chamar a atenção”; talvez numa “aposta” em ser olhado.

Experiência que parece produzir êxtase e angústia, um movimento intensamente prazeroso beirando um gesto de se perder, de não saber mais onde está a terra, o céu, a direita ou a esquerda. Assim, vai se perdendo, ou se desprendendo.

Parece uma experiência de perda de gozo. Logo, esses fragmentos do eu vão se recompondo. Semelhante ao que Lacan diz dos elementos repartidos, fragmentados que, de repente, se constituem numa molécula, fazem um ponto, um nó, uma letra.

Esse ponto, esse nó, essa letra, armam função, armam algum movimento que, por isso mesmo, ao armar função, o objeto pode vir a cair.

Em ambos os casos, de Armando e de Daniel, surge a cadência, *isso* monta ritmo, *isso* anima um corpo. Mas para haver cadência, ritmo, algo precisa operar entre, um espaço, espaço vazio, de silêncio, um mutismo.

Como nos lembra Lacan sobre a segunda tópica de Freud, *isso* é um lugar, um lugar de silêncio, um vazio inaugural, um lugar que antecipa o campo da linguagem, que precipita a letra, que torna possível que um nada, uma espécie de vazio arme pulsão, arme uma demanda, talvez demanda de amor.

Precioso que o significante que se decanta da cena analítica de Daniel seja ÁGUA, fruto da experiência de ter encontrado um outro que escute seu vazio, escute aquela parte do corpo que se esvaziou ou que por agora não se compôs, não se substancializou.

Água da baba, água do copo, água do corpo, grito, água-mar-mãe, palavrear um líquido.

Semelhante a isso é o que Freud fala sobre o umbigo dos sonhos. Ora o umbigo está num ponto de limite das associações, aquilo que na associação livre sobre um material onírico se satura, esvazia e se aproxima do vazio. Ora poderíamos pensar, pelo nome escolhido por Freud, umbigo, que poderia ser uma espécie de ponto de origem, de surgimento, algo inaugural. Aquilo que antes de ter vida, já se inaugura: o feto do verbo, da vida, do ser.

A cadência do corpo, de onde surge o umbigo de um sonho, a cadência pulsional, uma gangorra composta pela pulsão de vida e pulsão de morte e o buraco do turbilhão pulsam diante do analista. Nessa cadência, ocorre pensar que o vazio que torna possível o surgimento de uma molécula de DNA, torna possível uma letra que se decanta dali e seja algo da *lalíngua*.

Um buraco turbilhonesco, não seria um buraco de inexistência mas sim de existência², o buraco de onde, talvez, surja a vida, visto que o que "ex-siste, isto seria o originário" (LACAN, 1973-1974, p 102).

Lacan, em *A Terceira*, nos diz:

Em que consiste o que escrevi, em nível do círculo do real, a palavra "vida"? É que, incontestavelmente, da vida, depois desse termo vago que consiste em anunciar o gozo da vida, da vida não sabemos nada mais, e tudo ao que nos induz a ciência é a ver que não há nada de mais real, o que quer dizer nada de mais impossível, do que imaginar como pôde dar sua partida essa construção química que, de elementos repartidos no que quer que seja e que de algum modo queiramos qualificá-la pelas leis da ciência, começaria de repente a construir uma molécula de DNA, ou seja, alguma coisa que para vocês ressaltai que muito curiosamente é aí que já

² Lacan conceitua como ponto de ex-sistência ou êtimo o ponto de "exterioridade íntima, essa extimidade, que é a Coisa." (Lacan, [1959-1960] 1997, p. 173).

se vê a primeira imagem de um nó, e que se há algo que deve nos surpreender é que se tenha notado tão tarde que alguma coisa no real - não pouca coisa, a vida mesmo - se estrutura de um nó. Como não se surpreender que, depois disso, não encontramos em lugar algum, nem na anatomia, nem nas plantas trepadeiras que pareciam expressamente feitas para isso, nenhuma imagem de nó natural? Vou lhes sugerir algo: isso não seria aí um certo tipo de recalque, de *Unverdrängt*? Enfim, mesmo assim, não vamos sonhar demais, temos muito o que fazer com nossos rastros. (LACAN, [1974] 2002, p. 67).

Talvez possamos ler nisso que Lacan aponta algo próximo do que Freud chama de umbigo dos sonhos. Um nó, um ponto, talvez uma letra que nos dá notícias de um vazio, de um nada que, por alguma razão, se põs em movimento. Como ler os efeitos desta marca de escrita, na análise de crianças, desde o litoral do aluvião da linguagem? São marcas tão primordiais, vestígios e rastros ainda não inscritos, ainda compondo o campo da percepção e que necessitam passar a ser lido, em transferência, para que possa se apagar e se retranscrever, para que haja, então, inscrições significantes.

Alguns de nós temos a experiência de receber uma criança e, a partir da escuta em transferência - esta que não é um meio, mas um resultado³ -, manter uma atenção flutuante e disponível, testemunhar que a livre associação vai acontecendo, desenrolando-se desde o primeiro encontro, sendo tolos do inconsciente, que, afinal, é nosso único patrimônio de saber, como refere Lacan (1973-1974). É possível, nesta experiência de escuta, formular a hipótese de uma diferença no que concerne à análise de uma criança?

O analista precisa dispor nada menos do que algo do qual nem ele mesmo tem clara noção, se deixar conduzir no escuro - como num encontro do artista com o vazio da tela em branco. Suportar o não saber, os ecos longínquos da *lalíngua*, desde as intermitências, ritornelos, cacofonias e modulações próprias de um dizer. É com essa escuta, desde seu próprio inconsciente, que irá possibilitar que a sonoridade do significante, que o brincar do pequeno *fa/asser* se manifeste.

³ "Porque a transferência não é um meio, é um resultado. Um resultado que reside em que a palavra, por meio dela, meio de palavra, se revela algo que não tem nada a ver com ela, e muito precisamente o saber, que existe na linguagem." (LACAN, 1973-1974, p. 60).

O brincar não está relacionado com o oferecimento de um protocolo de jogos ou materiais específicos, mas sim, que o analista deixe livre um espaço para oportunizar a manifestação que poderá emergir em transferência. Em algumas circunstâncias, uma criança, num tratamento analítico, pode solicitar certos materiais que poderão lhe servir como suporte para a expressão gráfica ou tridimensional, ou performática - no caso de encenações e jogos. Ou simplesmente se utilizar de um gesto para pedir água e começar dali uma demanda. É preciso escutar estas "produções" da mesma forma como Freud recomendou escutar os relatos dos sonhos, sabendo, antes de mais nada, que não se trata de um sentido a ser buscado e definido. Há o "umbigo dos sonhos" e, algumas vezes, o som vem do epicentro do rodopio, ainda não audível, apenas ecos, ecos que buscam um ponto, ponto de escuta.

Na análise de crianças é este o desafio, ou seja, desprender-se de certas expectativas de produção de resultados, especialmente em relação aos pais, às instituições escolares e às próprias presunções de cura, haja vista que se trata de uma prática que "se funda na ex-sistência do inconsciente" (LACAN, 1974-1975, p. 257).

Seguimos nos perguntando e nos colocando ao trabalho diante das demandas de nossos tempos e com um bem dizer distante de um querer bem.

Referências bibliográficas:

- EVANS, E. *Dicionario introductorio de psicoanálisis laciano*. Buenos Aires: Paidós, 2008.
- FREUD, S. (1913). Sobre o início do tratamento. In: _____. *Fundamentos da Clínica Psicanalítica. Obras incompletas de Sigmund Freud*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.
- _____. (1910) As perspectivas futuras da terapêutica psicanalítica. In: _____. *Obras Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996.
- KAROTHY, R. *El niño, el espejo y la mirada*. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Editorial Lazos, 2019.

- LACAN, J. (1953) Função e campo da fala e da linguagem. In: _____. *Escritos*. Rio de Janeiro: JZE, 1998.
- _____. (1957) A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud. In: _____. *Escritos*. Rio de Janeiro: JZE, 1998.
- _____. (1959 - 1960) *O Seminário: Livro 7. A ética da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.
- _____. (1964) *O seminário: livro 11. Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: JZE, 1998.
- _____. (1971) Lituraterra. In: _____. *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: JZE, 2003. pp. 15-28.
- _____. (1971-1972) *O saber do psicanalista*. Recife: Centro de Estudos Freudianos do Recife. Publicação para circulação interna, não comercial. 1997.
- _____. (1972 -1973) *O Seminário: livro 20. Mais, ainda*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985.
- _____. (1973 -1974) *Os não-tolos vagueiam*. Salvador: Espaço Moebius, 2016.
- _____. (1974) A Terceira. In: *Cadernos de Lacan*. Vol. 2.: Associação Psicanalítica de Porto Alegre. Publicação não comercial de circulação interna da APPOA, 2002.
- _____. (1975) Conferência de Genebra sobre o sintoma. *Opção Lacaniana. Revista Brasileira de Psicanálise*. São Paulo, n. 23, pp. 6-16, 1998.
- _____. Conferências nos EUA (1975b). Recife: Centro de Estudos Freudianos do Recife, 1995.
- LANIUS, Manuela. *Corpo à mostra: consequências clínicas da relação corpo/discurso*. 2015. 167 f. Tese (Doutorado em Pesquisa Clínica em Psicanálise) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.
- LEITE, E. A. F. Alíngua e voz: algumas considerações sobre modos de falar e ouvir. In: *Rev. Assoc. Psicanalítica de Porto Alegre*, n. 48, pp. 103-111, jan. 2015/jun. 2015.
- MANNONI, Maud. *Um saber que não se sabe: uma experiência analítica*. Campinas: Editora Papirus, 1989.
- MILNER, J. C. *O Amor da Língua*. São Paulo: Editora UNICAMP, 2016.
- MUSOLINO, M. *Pulsión de Sexo*. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Antonio Giménez, 2002.
- SOLER, C. *Lacan, o inconsciente reinventado*. Rio de Janeiro: Cia. de Freud, 2012.